



**REVISITANDO A GESTÃO DO  
ESPORTE PÓS RENOVAÇÃO  
DE 1971 NO BRASIL E SEUS  
IMPACTOS NO EXTERIOR**



**PUBLICAÇÃO PREPRINT-INFOGRÁFICA-  
FOTOBIOGRÁFICA DO eMUSEU DO  
ESPORTE, RIO DE JANEIRO, 2022**

**PRODUÇÃO: BIANCA GAMA PENA – ORG.  
& LAMARTINE DACOSTA – ED.**

**[www.emuseudoesporte.com.br/home](http://www.emuseudoesporte.com.br/home)**

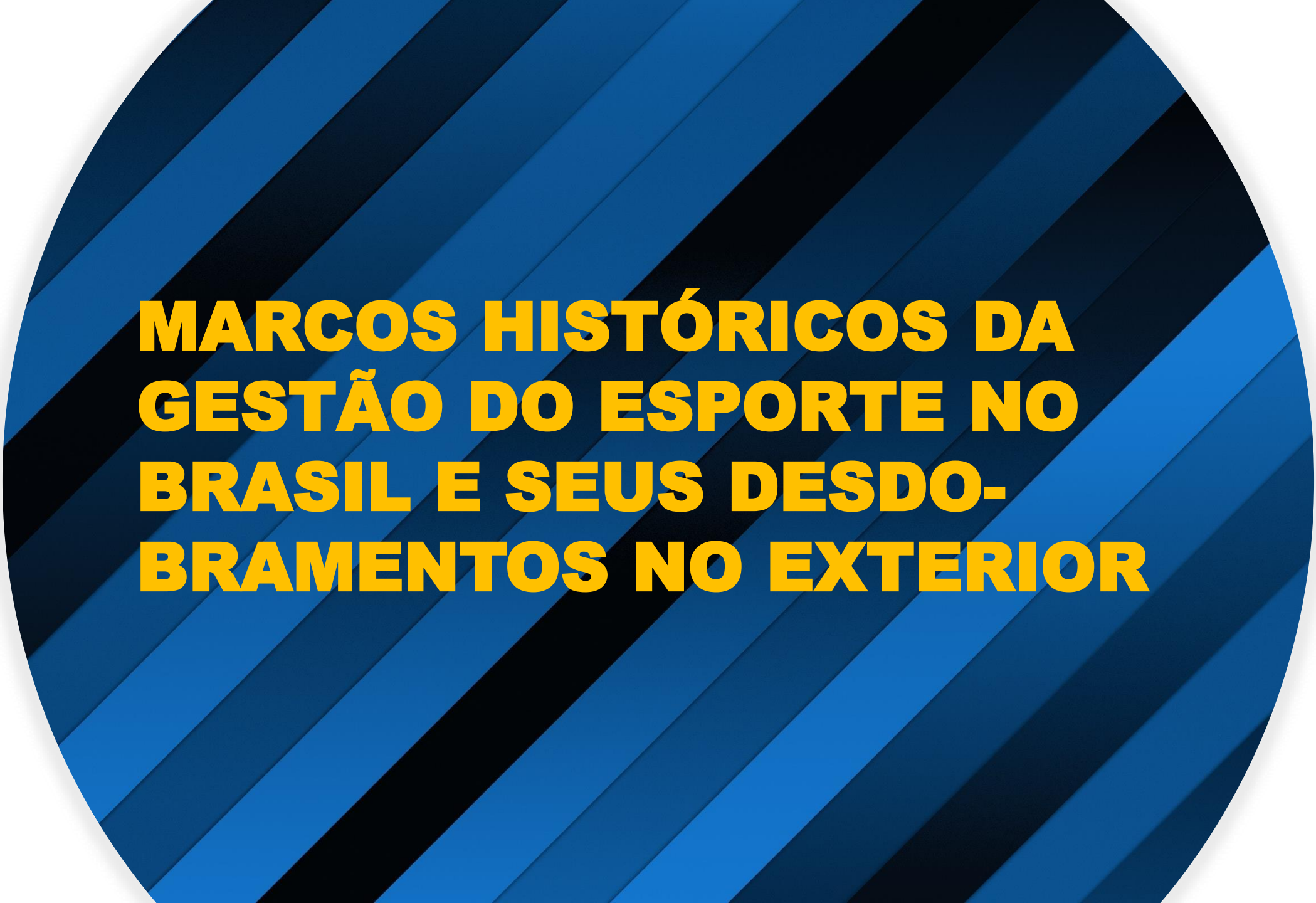
**DRAFT PAPER SUJEITO A ALTERAÇÕES, ADIÇÕES  
E INCLUSÃO DE CO-AUTORES**



## PROGRAMA MÍNIMO

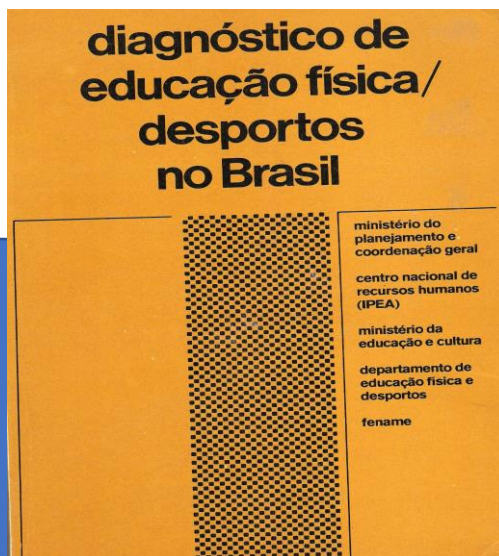
- 1) ÓRGÃO CENTRAL DE DECISÕES
- 2) ESTABELECIMENTO DE UMA  
POLÍTICA NACIONAL  
ESPORTIVA
- 3) PROGRAMA DIRIGIDO PARA  
REPRESENTAÇÃO EXTERNA
- 4) REFORMULAÇÃO DA LEGIS-  
LAÇÃO DESPORTIVA

**Lamartine Da Costa, coordenador do Diagnóstico da Educação Física e Esporte no Brasil, apresenta o estudo inédito à imprensa em 1971 com destaques na necessária melhoria da Gestão do setor**

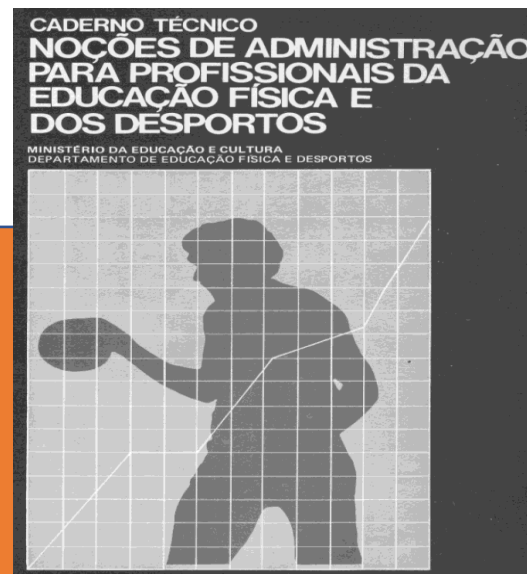


# **MARCOS HISTÓRICOS DA GESTÃO DO ESPORTE NO BRASIL E SEUS DESDO- BRAMENTOS NO EXTERIOR**

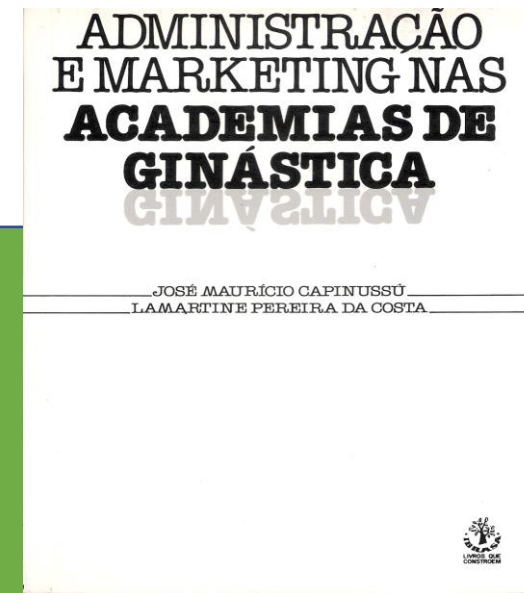




**Livro de 1971 dando a público o primeiro levantamento dados sobre Educação Física e áreas congêneres. Uso de metodologia inovadora com revelação da realidade do setor analisado. Comprovação de gestão ineficiente com demanda de reformas e busca de conhecimentos atualizados.**



**Livro de 1979, único autor, com uma nova organização de conhecimentos de modo a induzir inovações na gestão do esporte e da Educação Física. Uso da Análise de Sistemas como orientação dos procedimentos organizacionais. Impacto mínimo por carência de professores habilitados em gestão atualizada.**



**Livro de J.M. Capinussú & L. Da Costa (Ibrasa, 1989) que abriu a Gestão do Esporte para a nova área de Marketing e publicou a primeira pesquisa realizada no Brasil com clientes de Academias de Ginástica. Obra de boa aceitação pelo público profissional com enfoques mais práticos do que teóricos.**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

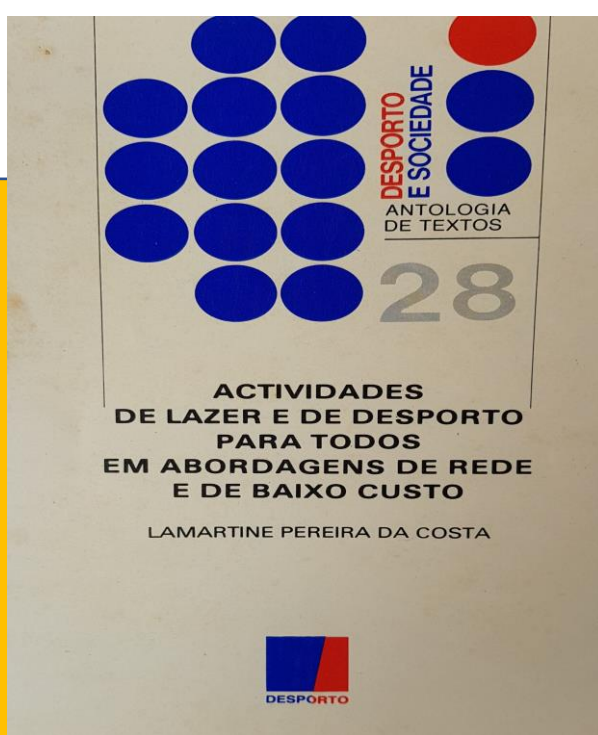
# ESPORTE E LAZER NA EMPRESA.



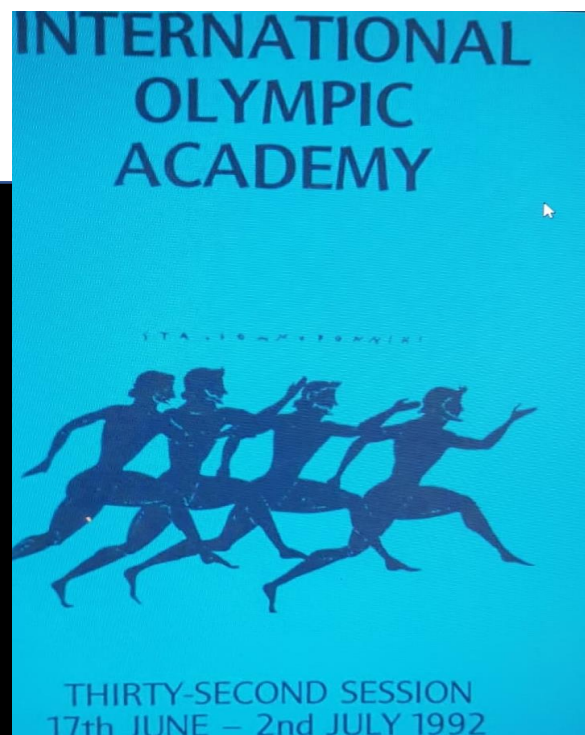
Publicação destinada a Confederações,  
Sindicatos, Dirigentes de Empresas e Profissionais  
das Áreas de Saúde, Educação Física, Recreação,  
Esportes, Recursos Humanos e Serviço Social,  
visando ao cumprimento dos Artigos 6º e 217º  
da CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA.

**Livro do Ministério da Saúde de 1991 com acesso livre, tendo como autores Paulo Pegado (médico) e L. DaCosta (prof. Ed. Física). O tema já tinha estudos precedentes e então servindo de revisão dos conhecimentos na área e ampliando o alcance da Gestão do Esporte. Com seu enfoque explícito na Gestão, a obra passou a ser referência básica também na disciplina de Ginástica Laboral nos anos seguintes.**

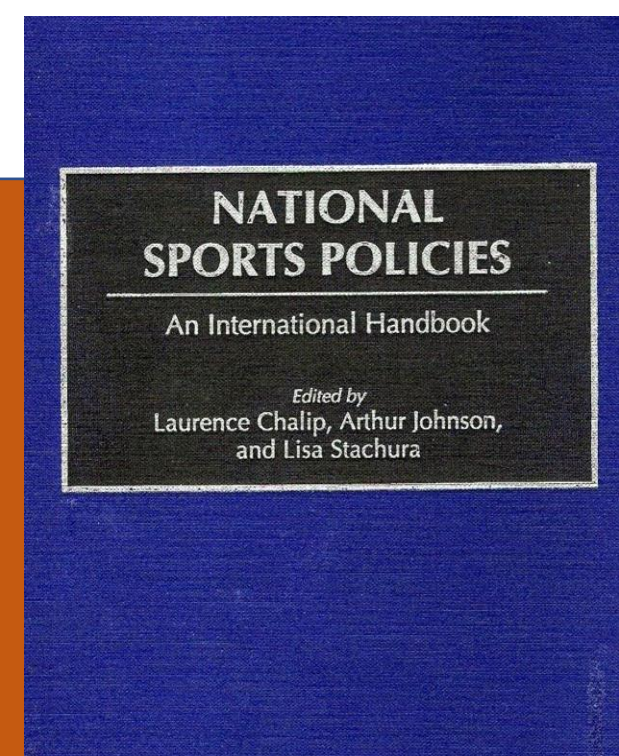




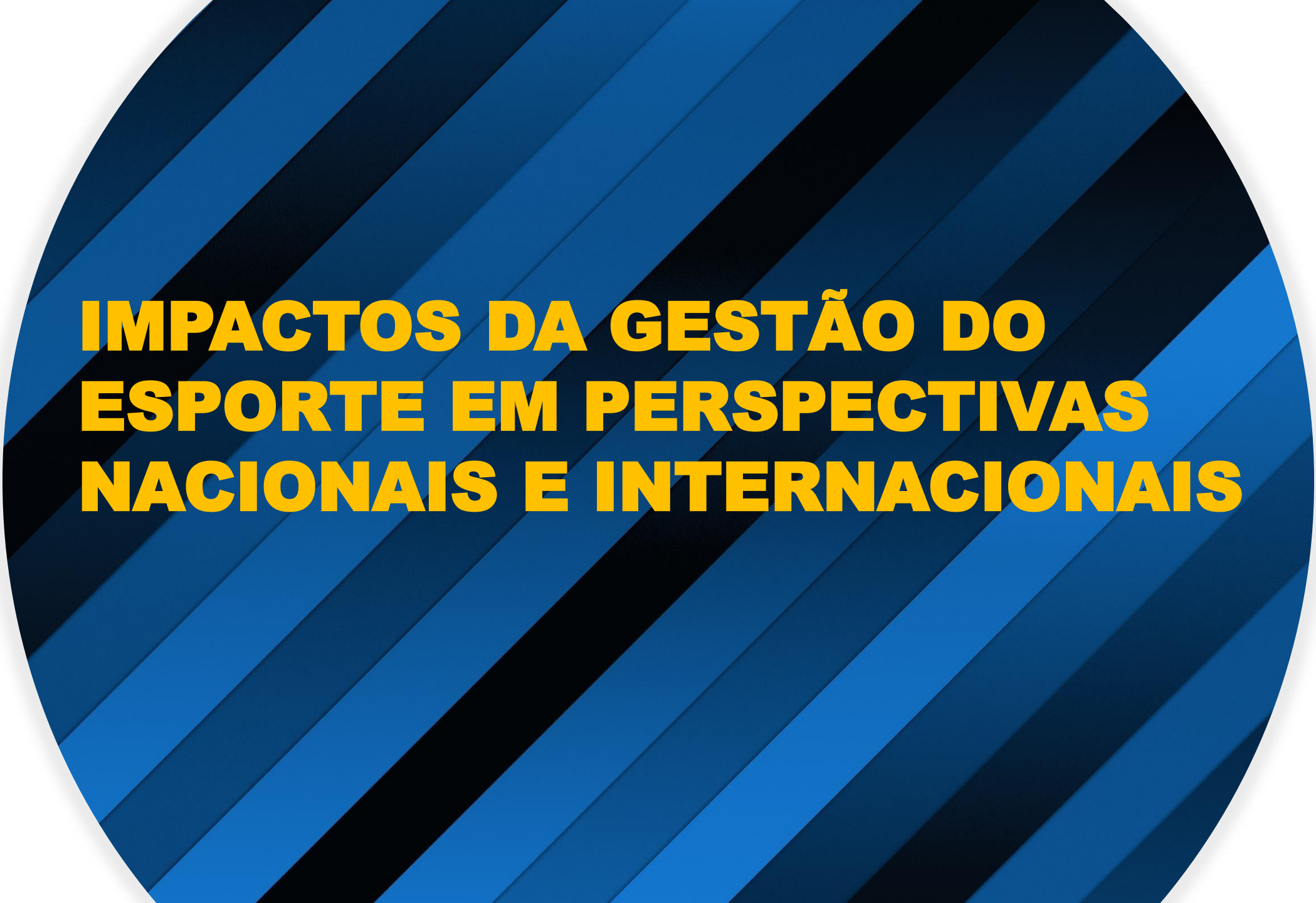
**Obra de L. Da Costa (1986) lançada em Lisboa incluindo experiências inovadoras em Gestão do Esporte na década de 1980 com base em Atividades Físicas Não Formais. Enfoque dominante da gestão em rede, área ainda experimental em âmbito internacional. O livro exerceu influência importante nos profissionais de esporte em Portugal.**



**Proceedings 1992 da International Olympic Academy – Grécia contendo capítulo de L. DaCosta sobre problemas da comercialização do esporte e a solução do Marketing responsável. Na época desta publicação discutia-se o excessivo comércio de atletas de alto nível.**



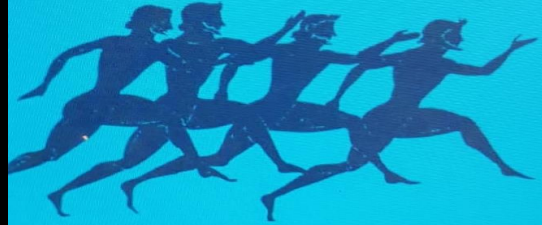
**Em 1996 esta obra foi lançada nos EE.UU. com capítulos sobre o tema de políticas de esporte em variadas nações. O caso do Brasil foi produzido por L. DaCosta, sendo este estudo inédito em termos de Autor brasileiro em obra de língua inglesa no tema de Gestão. Ref: Chalip et al (Orgs) , 1996, Greenwood Press.**



# **IMPACTOS DA GESTÃO DO ESPORTE EM PERSPECTIVAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS**



# INTERNATIONAL OLYMPIC ACADEMY



THIRTY-SECOND SESSION  
17th JUNE – 2nd JULY 1992

## NATIONAL SPORTS POLICIES

An International Handbook

*Edited by*  
Laurence Chalip, Arthur Johnson,  
and Lisa Stachura



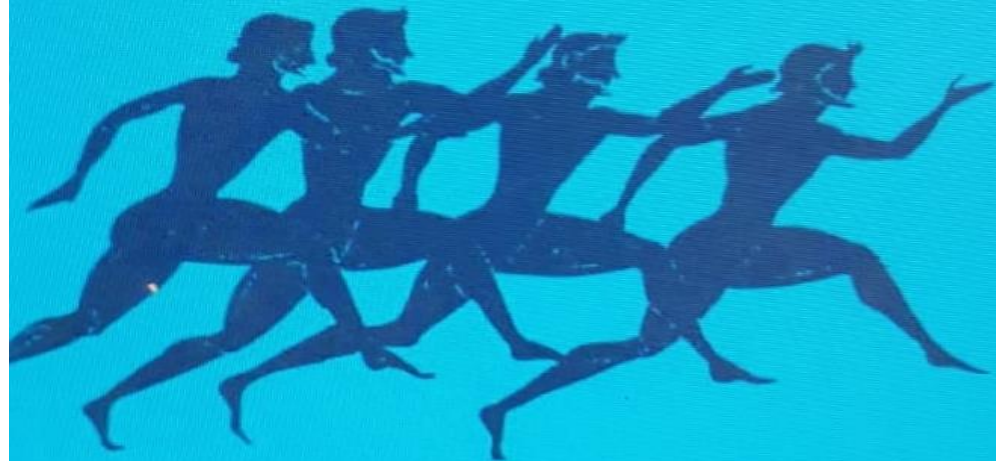
A foto mostra em primeiro plano L. DaCosta ao lado de Laurence Chalip (USA) em aula de campo nas ruínas históricas de Olympia-Grécia, em julho 1992, com alunos da Academia Olímpica Internacional - IOA, onde ambos eram docentes, o primeiro na opção "Filosofia" e ambos em "Gestão do Esporte". Tal circunstância de ensino-aprendizagem no local de origem dos Jogos Olímpicos tem sido típica desde a fundação da IOA em 1961, motivo gerador da participação de estagiários de variados países dos cinco continentes. Por seu turno, a relação Chalip-DaCosta estendeu-se nos anos seguintes resultando na participação do scholar brasileiro na primeira obra internacional no tema de políticas nacionais de esporte. O projeto editorial foi abrigado na Universidade de Maryland – USA, do qual resultou em 1996 na publicação do livro com o capítulo de Lamartine DaCosta com foco historiográfico na Gestão. Com relação \_a IOA, segue-se neste registro de impactos o texto de L. DaCosta incluído nos Proceedings da IOA, edição de 1992

**DACOSTA, Lamartine P.**  
**The State versus free**  
**Entreprise in sports**  
**policy: the case of**  
**Brazil. In: CHALIP,**  
**Laurence; JOHNSON,**  
**Arthur; STACHURA, Lisa**  
**(Org.). National Sports**  
**Policies.**  
**Londres: Greenwood,**  
**1996. p. 23-38**



# INTERNATIONAL OLYMPIC ACADEMY

STAFF PHOTOGRAPHY



THIRTY-SECOND SESSION  
17th JUNE – 2nd JULY 1992



## THE CENTRAL PROBLEMS OF OLYMPISM IN THE FACE OF THE CONSTRAINTS OF COMMERCIALIZA- TION, AND POSSIBLE SOLUTIONS

by Mr Lamartine DaCosta (BRA)

Professor at the University of Rio de Janeiro

The shift of values represents a puzzle that confronts researchers and decision-makers in the sporting field when the subject of commercialization is focussed upon. Along with the variety of patterns of modern sports practice, organization and leadership, one dominant aspect is the rejection of business intervention. But new forms of commerce are increasingly being accepted, namely marketing, media coverage, promotion, etc. This fact was epitomized by John Kelly with the statement that «sport, also amateur sport, is big business». <sup>1</sup>

The past three decades have witnessed major changes in sporting institutions worldwide, which have gone from an explicit condemnation of monetary values in sporting relations to an implicit incentive of commerce by non-traditional means. The reasons for the shift are complex; however, these supposed ambiguous changes have resulted in the growth of a sporting environment which is complex and full of novelty.

The International Olympic Committee (IOC) a vivid example of this assumption of ambivalence, is virtually promoting both commercialization and disapproval thereof. Yet the International Olympic Academy's longstanding efforts in favour of ethics in sport is now coinciding with the IOC's Worldwide Sponsorship Programme (TOP), which aims to improve the marketing capability of National Olympic Committees.<sup>2</sup>

This contradiction, whether apparent or real, is central to an understanding of relations between sport and commerce. Accordingly, commercialism is the point of convergence of interpretative interactions involving constraints in ancient or contemporary elite sports, as observed in competition deviations, spectacle overexposures or political unfair disputes.<sup>3</sup> Regardless of their specificity, in traditional sport deviations, such as violence, cheating or narcissism, a similar core of interpretation is historically evident when material gains subdue spiritual values in games and competitions.

Perhaps the centrality of material and trade values in coercive situations is inherent to normative and ethical propositions in sport. This is in fact a major argument of Kurt Weis when he advocates that the increase in sport deviations is a direct consequence of the growing importance of sport in today's society.<sup>4</sup>



More persuasive was Christopher Lasch, for whom the vast audiences of modern sport have destroyed the value of athletics.<sup>5</sup>

In short, according to this thesis Olympism will always be facing contradictions arising from its own propositions, as a permanent and inseparable quality.<sup>6</sup> Thus sport commercialization presupposes a search for a foundation in history as much as on value assessment. In other words, the central questions of this essay can be formulated as follows: where are the appropriate and topical meanings of commercialization in sport? Is there an accurate and updated position of Olympism in relation to commercialization?

Initial answers to these questions are thrown up with a recognition of the ambivalence of competition and games, originally associated with swings between emancipation and repression.<sup>7</sup>

A recent and outstanding example of this oscillation is provided by the Olympic Games themselves: recreated by Coubertin as an emancipation movement, they have been giving rise to various sorts of constraint since the very beginning, one hundred years ago.

To summarize this critical interpretation of sport, it might be claimed that the model of emancipation and repression has been applied to modernity as a whole.<sup>8</sup> On this account, sport should stand as a historical category which emerged last century perfectly able to adapt itself to «good» or «bad» versions of modern life.

In turn, the Olympic Games and Olympism progressed by means of harsh experiences, finally adopting a profile kept constantly up to date, represented by a stable normative discourse and a flexible pragmatism towards its actions. Not surprisingly, the IOC is often regarded as the most experienced global organization of present times, maintaining tradition and introducing innovations in equal part.

Another relevant consequence of the suggested ambiguity in sport is its attribute of being totalizing and reductionist at the same time, as pointed out by Michel Delaunay.<sup>9</sup> Even in this case, sport appears to be culturally correct by today's standards, given that society and individuality are the basic perspectives for social relations.<sup>10</sup> In all, classical sporting characteristics correspond to the idiosyncrasies of contemporary society, confirming a recent observation of Om-mo Gupe: «Sport not only became part of cultural life, but furthermore a sportization of culture as a whole took place».<sup>11</sup>

Actually the mutual identification of culture and sport has its roots in ancient Greece, where the emphasis was on athletic competition as an expression of *arete* (excellence and virtue). The quest for excellence represented the essential meaning of *Kalokagathia*, the quality of good and beauty or the combination of ethics, politics and aesthetics. From this integration of attitudes to and perceptions of life, only the pursuit of excellence remains today in Western civilization, although it is seen as a part rather than the whole of the aim. Besides, this fragmentation of the world of life is peculiar to post-modern culture, a condition loosely defined but now prevailing in social relations.

If it is accepted that post-modern culture and sport are inseparable in their unity, as Grupe is suggesting, then it might be admitted also that this wholeness pertains to singular and autonomous parts. On this view, instrumental rationality is approached, as commonly happens in much recent philosophical debate. For those who argue the post-modern condition, instrumentality explains the full integration of all walks of life, sport being a significant example.<sup>12</sup> Here lies the difference between the classical Greek conception of totality and the global culture of today: on the one hand, the whole fixes the boundaries of parts harmoniously; on the other hand, the parts fix the boundaries of the whole by synergism.

Summarizing, the technological and instrumental culture is necessarily global and dependent on individuals and groups to guarantee the effectiveness of the whole and efficiency of the parts. As a corollary, the pursuit of excellence became an individual or group concern, either for personal development or to improve quality on an institutional level. The attribute of being total and reductionist should therefore be implicated in all social relations, and not only in sport.

These arguments help to clarify the sense of relatedness between self and others, reported by Glen Watkiss when describing on-going recreation activities, or the simultaneous loose-tight properties ascertained by Peters and Waterman among successful industrial and commercial enterprises. And, more importantly, in both cases excellence has been considered as part of an effort towards development.<sup>13</sup> Ultimately, post-modernity disregards ambiguity and ambivalence, and is therefore in agreement with its discourse which seems to be indefinite in nature, character and form.

For current French philosophers, like Jean-François Lyotard, this unexpected cultural turn of today represents a real manifestation of individuality as cause and effect of instrumental reason. To this suggestion, Felix Guattari adds a more factual interpretation emphasizing singularity as the common quest of individuals and groups, especially youngsters. Being singular, Guattari says, is a reaction to a loss of identity in a fragmented society. Whereas singularity is now reappearing as a constructive awareness, in opposition to the traditional Greek ideal of completeness, it is worth noting Michel Maffesoli's proposition of reconsidering ambiguity as a source of imaginative solutions.<sup>14</sup>

Each one of these claims is exactly parallel to the far-reaching collective proposal of «identity in diversity», adopted by the Council of Europe to protect local culture and equally strengthen the unity of European countries in the coming years.<sup>15</sup> But, apart from the controversial debate involving post-modernity, there is a growing concern among European intellectuals that understanding the present culture is the most reliable way to anticipate the future.<sup>16</sup> Furthermore, this prospective role has not yet been played by the IOC and Olympism.<sup>17</sup>

These simply stated cultural approaches to sport may illuminate the puzzle of commercialization in understanding how its pieces fit together. To digress, as far as a value assessment is concerned, business in sport is mainly disapproved of because it stimulates corruption. Nevertheless, commercialization pertaining to a cultural framework, that is, occurring in a synergistic whole, en-



courages the building of partnerships and the pursuit of excellence. After all, as learned from the tradition of arts patronage, commercialization is not «bad» or «good» in itself, this depends on how it is managed and what its purposes are.<sup>18</sup> To clarify these fundamental distinctions, the following diagrams depict two different roles of the IOC and Olympism in the face of commercialization: firstly, at present, in which Olympism is an implicit counterbalance to marketing; secondly, at a projected future stage considering the major cultural trends of globalization and singularity. Despite the simplification of reality in both models, solutions to the constraints of commercialization are provided taking into account that:

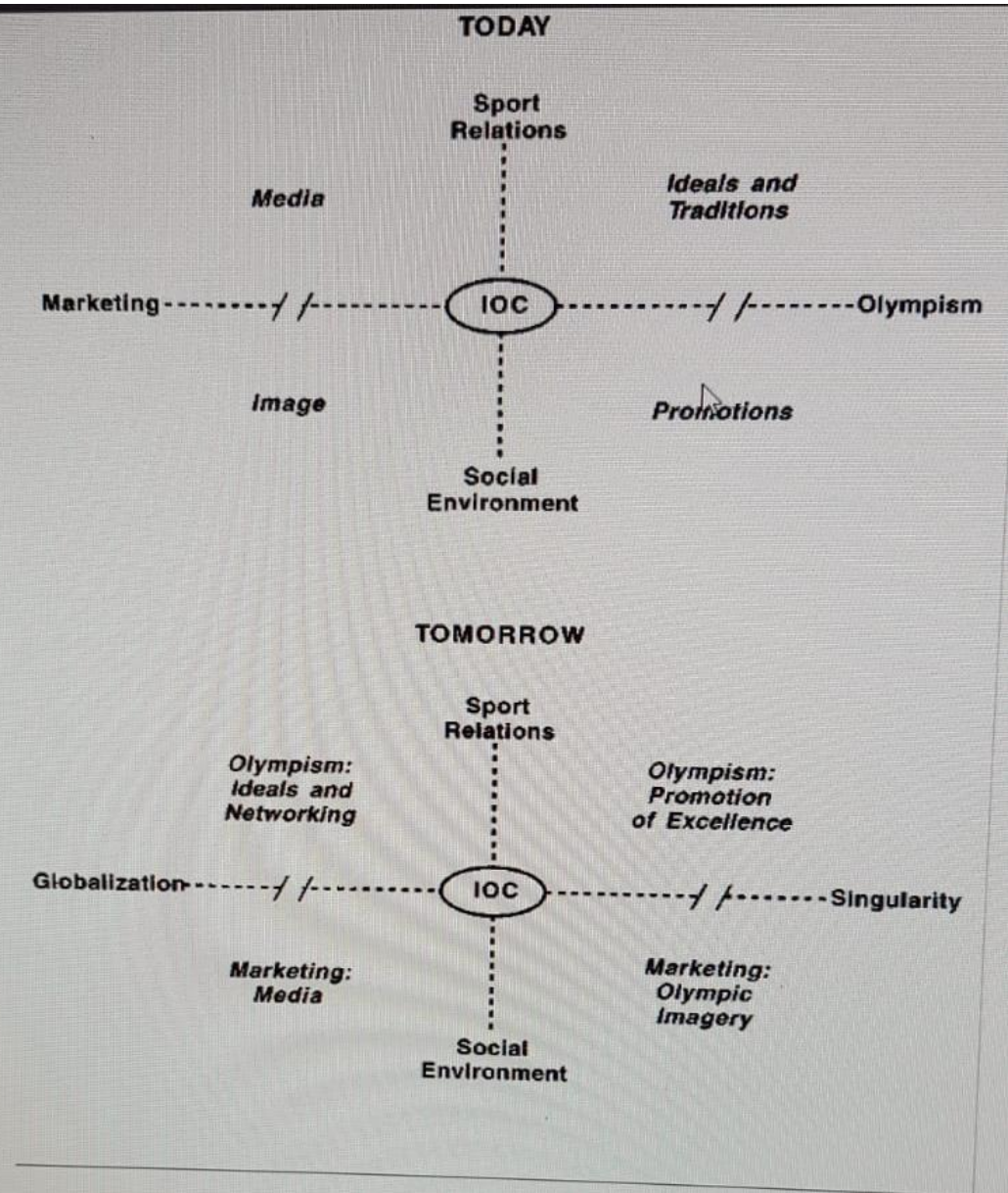
a) Marketing may be a linkage between Olympism and the new cultural trends, so that the IOC does not have to turn its back on the deservedly influential ideas of the past or keep the ethics of Olympism as the sole factor making it legitimate. Currently, marketing and Olympism are separate undertakings in the Olympic Movement's internal relations, perhaps reflecting a hesitation to deal with supposed contradictions.

b) By means of the IOC's present procedures, Olympism helps to provide the necessary foundations for principles, norms and controls to prevent or restrain sport deviations. But outside the IOC, Olympism is generally seen as an educational movement, promoting ideals and traditions. In turn, internal IOC marketing is strictly commercial where the media is concerned; for external effects, marketing is much more concentrated on Olympic imagery, building a reputation to guarantee business advantages and financial support.

c) At this stage, given that Olympism and marketing are not integrated, commercialization is naturally related to constraints and much less to a constructive participation in the Olympic initiatives as a whole.

d) If globalization and singularity become the main references for future IOC procedures, then the educational role of Olympism might be reinforced by promoting a combination of excellence and image to reach the common target of individuals and groups; conversely, networking is the necessary solution to developing Olympism in a global relationship, as the media is the key to meeting this fundamental aim.

e) If globalization and singularity prevail in sport relations and in the social





environment to governing IOC initiatives, then there will be an integration of major references and targets to both Olympism and marketing with positive gains for the pledge of «identity in diversity».

f) Moving towards a culturally adapted model of focussing and fusing traditions and innovations, the IOC will be giving the highest priority to education and the promotion of Olympic principles. This shift will also indicate that less importance should be granted to normative and control roles which have already proved to be less effective.

In conclusion, Olympism needs socially responsible marketing, as marketing needs an explicit and effective commitment to educational aims in order to improve excellence in sport. In terms of taking a position, commercialization will be appropriate if the choices are able to live up to requirements for excellence. As far as Olympism is concerned, the proper position is continuously to redefine excellence and ethical patterns in the context of a changing cultural environment.

Far from being less realistic, these solutions should represent an evolution of IOC pragmatism towards recent advances in sport theory. This knowledge might prompt us to recall Norbert Elias' famous argument<sup>19</sup> that commercialization constraints and other deviation effects are not likely to disappear in sport: their emergence reflects an existing civilizing process, as in ancient Greece.

## Notes

<sup>1</sup> Kelly's assertion is emphasized in Kamphorst & Robert's, «Trends in Sports — A Multinational Perspective», Giordano Bruno Publishers, Voorthuizen, 1989, p. 396.

<sup>2</sup> The report «Olympic Marketing Programmes» is the reference to this declaration, as presented in «IOC-NOC Olympic Marketing Seminar» Lausanne, 23rd May 1991.

<sup>3</sup> Inter alia, John Stewart in «Amateurism and Professionalism in Athletics», 1984 Olympic Scientific Congress, Eugene, gives support to this position, declaring: «For the ancients as well as the moderns, the nemesis of sport is professionalism and commercialism».

<sup>4</sup> Weis, K.G. & Luschen, G. «Die Soziologie des Sports», H. Luchterhaid Verlag, Darmstadt, 1976; pp. 252-267 in Spanish version (Minon, Valladolid, 1979).

e Bernard Jeu in many texts favours this thesis for sport in general. For example, in «La Contre-Société Sportive et ses Contradictions», Esprit n° 428, octobre 1973, Paris, pp. 391-416, he argues: «Le sport se présente à la fois comme un divertissement qui réunit et une violence qui sépare. Le sport se situe conceptuellement entre le jeu et la guerre».

<sup>7</sup> See, for example, the essay of Dunning, E. «El Dilema de los Planteamientos Teóricos en la Sociología del Deporte» in Luschen & Weis (eds.), Op.Cit., pp. 24-35 (original text in German).

<sup>8</sup> Particularly significant on this subject is the «Introduction» of Bernstein, R.J. (ed.) in «Habermas and Modernity», The MIT Press, Cambridge, 1985, pp. 1-32.

<sup>9</sup> Delaunay, M. «Voyage au Centre de la Sociologie du Sport», Loisirs et Santé, n° 10, juin 1984, pp. 10-13.

<sup>10</sup> See, among others, Bonny, Y., «L'Individualisme aujourd'hui ? Critique de Dumont, Gauchet et Lipovetsky», Société, n° 3, été 1988, Québec, pp. 125-157.

<sup>10</sup> Grupe, O., «Identity, Legitimacy, Sense and Non-Sense of Modern Sport as a Cultural Phenomenon», International Symposium, «Sport... the third Millennium», May 1990, Québec.

<sup>11</sup> For further discussion on post-modernity see Rail, G., «The Diffusion of Polarities as a Megatrend in Post-modern Sport», International Symposium, «Sport... The Third Millennium», May 1990, Québec.

<sup>12</sup> Watkins, G., «Parks and Recreation — A Changing Community Service», World Leisure & Recreation, June 1986, pp. 20-36; Peters, T. & Waterman, R., «In Search of Excellence», Harpen and Row, New York, 1984, p. 15. Additionally the key role of excellence in societies today is discussed by Ehrenberg, A., «Le Culte de la Performance», Calmann-Levy, Paris, 1991, pp. 99-168.

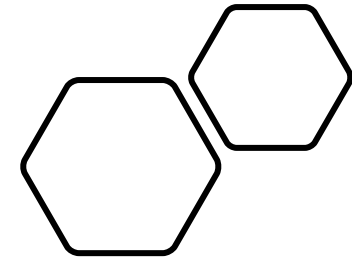
<sup>13</sup> Lyotard, J.F., «La Condition Postmoderne», Editions de Minuit, Paris, 1979, *passim*; Guattari, F., «As Três Ecologias», Papyrus, Campinas, 1990 (original French version of 1989), p. 15; Maffesoli, M., «O Conhecimento comum», Brasiliense, São Paulo, 1988 (French version of 1985), pp. 129-154. For discussion of individuality in the future of sport, see Bento, J.O., «Novas Motivações, Modelos e Concepções para a Prática Desportiva», Universidade do Porto, 1991.

<sup>14</sup> A more detailed analysis of identity in diversity is to be found in Morin, E., «Cultural Identity in a Global Culture», Forum, n° 2, 1989, Strasbourg, pp. 33-36.

<sup>15</sup> See Brison, D., «Strasbourg: Premier Festival Européen des Écrivains», Forum, n° 3, 1987, Strasbourg.

<sup>16</sup> The difficulties of the IOC in interpreting the cultural environment are presented by MacAloon, J.J., «The Turn of Two Centuries: Sport and the Politics of





**Pires, Gustavo (2007) Agôn: Gestão do Desporto – O Jogo de Zeus. Porto Editora. Prefácio de Lamartine DaCosta**

**Trechos do Prefácio de Lamartine DaCosta para o livro de Gustavo Pires, publicado em 2007, em Portugal, no qual o estado da arte internacional em Gestão do Desporto é focalizado. Por esta obra pode-se avaliar posicionamentos teóricos correntes naquele país e perspectivas operacionais da Gestão originadas da influência da publicação das soluções gerenciais do Esporte Não Formal de extração brasileira.**

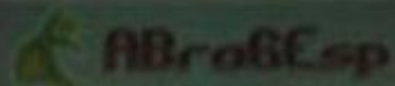
**“Estes prolegômenos aprestam-se outrossim à obra presente de Gustavo Pires, Carlos Colaço e José Pedro Sarmento, porque em princípio adotaram como método o ‘trabalho em progresso’. Este procedimento fez-se com ampla deferenciação de abordagens de gestão e consecutivas focalizações de situações de contexto, produzindo a necessária convergência entre teorias propostas e práticas identificadas. O “local” naturalmente ateu-se ao país onde vivem esses autores porém exemplos internacionais foram incluídos dando destaque as mais das vezes à dimensão “global”. Condignamente, os autores prestigiaram teorias relacionadas historicamente à gestão, mantendo a sua diferenciação típica por sínteses do passado e por problematizações do presente.**

**Em resumo, este livro pode ser inserido no novo patamar de conhecimentos da gestão como disciplina acadêmica e meio de treinamento gerencial, ao manter o desporto em suas linhas de compreensão conceitual hoje pretendidas como transferíveis para outras áreas de saber e de exercício profissional. Assim se dispôs, porque seus autores preservaram o sentido de revisão da primeira edição, adicionando-lhes novos predicados e significados. Além deste reajustamento, o sentido de conflito das relações do desporto com seus variados contextos e atores sociais – sobretudo as delimitadas por instituições desportivas e seus líderes - foram postos em relevo, criando maior funcionalidade na apropriação dos problemas de gestão das atividades físicas para competição, saúde e lazer.”**





**A Gestão do Esporte na versão brasileira tem tido desenvolvimento e consolidação peculiar como disciplina. Em 2009 foi fundada a Associação Brasileira de Gestão do Esporte – ABRAGESP cujos congressos anuais passaram a registrar fatos históricos da Gestão do Esporte no Brasil em meio aos temas de sentido e conteúdo da disciplina. Neste contexto Vanessa Francalacci e Lamartine DaCosta em 2014 produziram um levantamento transformado em DVD abrangendo narrativas sobre a Gestão do Esporte no país desde 1908 (capa à esquerda). Antes em 2011, o Dr. Holger Preuss, da Universidade de Mainz, Alemanha e Lamartine daCosta apresentaram no Senado da República em Brasília, estudos sobre a capacitação gerencial das entidades brasileiras ligadas ao esporte de alto nível de modo a avaliar o papel dessas entidades e dos governos locais quanto à gestão dos eventos da Copa FIFA 2014 e dos Jogos Olímpicos 2016, ambos a serem realizados no Brasil (na foto o Senador Paulo Bauer de Santa Catarina está no centro ladeado pelos dois expositores). Posteriormente, desde 2011, o GESPORTE – Laboratório de Pesquisa sobre Gestão do Esporte, dirigido por Paulo Henrique Azevedo da UNB, tem produzido eventos e publicações também levantando temas do passado, presente e futuro da Gestão do Esporte, no Brasil e no exterior (à direita livro deste Autor em 2021). Esses quatro exemplos são citados como confirmações de uma disciplina de construção em progresso tanto no Brasil como no exterior.**



### O que é ABroGEsp?

A Associação Brasileira de Gestão do Esporte, ABroGEsp, é uma associação técnico-científica Civil de Direito Privado, em nível nacional, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, que tem por objetivo congrega pesquisadores, profissionais, educadores e acadêmicos que possuem em comum o interesse em pesquisar e disseminar conhecimentos sobre assuntos pertinentes ao desenvolvimento da gestão do esporte, em todo o território brasileiro.





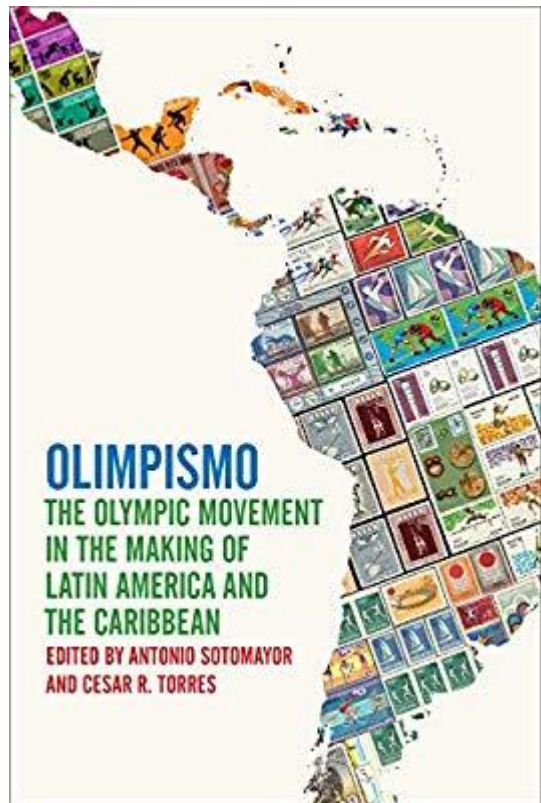
**Foto acima: Registro histórico da fundação da Associação Brasileira de Gestão do Esporte - ABRAGESP em 2009, em São Paulo, SP, tendo ao centro a Prof. Dra. Flavia Bastos (USP), Presidente, tendo à direita Lamartine DaCosta (UGF) e José M. Capinussú (UGF), homenageados no evento como renovadores da Gestão do Esporte no Brasil. Importa registrar a presença na foto de dois parceiros de L. DaCosta em projetos de Gestão na área de Educação Física: Paulo Henrique de Azevedo, segundo da dir. para à esq., e Geraldo Campestrini, quinto da dir. para à esquerda.**



**SAIBA MAIS sobre a ABRAGESP no contexto de desenvolvimento histórico da Gestão do Esporte segundo debate entre Lamartine DaCosta e o Dr. Heglison Toledo (UFJF) seu antigo orientando e depois parceiro. O encontro ocorreu no 11º. Congresso Brasileiro de Gestão do Esporte – CBGE no tema de passado, presente e futuro da Gestão do Esporte no Brasil. Disponível em:**

**[www.youtube.com/watch?v=V-vRcbTayo8](https://www.youtube.com/watch?v=V-vRcbTayo8)**

**DACOSTA, L. P. (2020). In Search of the Olympic Games' Future Significances: Contributions from Buenos Aires, Mexico City, and Rio de Janeiro. In A. Sotomayor & C. R. Torres (Eds.), *Olimpismo: The Olympic Movement in the Making of Latin America and the Caribbean* (pp. 165–184). University of Arkansas Press. <http://www.jstor.org/stable/j.ctvs09qtw.13>**



**CHAPTER 9 In Search of the Olympic Games' Future Significances: Contributions from Buenos Aires, Mexico City, and Rio de Janeiro (pp. 165-184)**

**LAMARTINE PEREIRA DACOSTA**

**Although the Olympic Games and their sporting foundations can be understood in terms of their educational, cultural, and economic values, among many others, the geopolitical complexities of these mega-events and their management developments also deserve great focus. This is so because, ever since the creation of the International Olympic Committee (IOC), the Olympic Games have often engaged in the promotion of either specific countries or continental interests. In this sense, one of the original intentions of the Olympic Games gained ground over time mainly supported by technological and managerial innovations. Moreover, the examples of Buenos Aires, Mexico City and Rio de Janeiro as Olympic sites may be seen as innovative projections of the Olympic Movement in the making.**





**MIRAGAYA, Ana. DACOSTA, Lamartine, TURINI, Marcio e GOMES, Marta – Eds : Tecnologia, Inovações e Startups no Esporte – Agenda Olímpica 2020 na Prática, Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2020, ISBN: 978-85-399-1095-3.**

**Livro produzido a partir de apoio do eMuseu do Esporte, Diretora Bianca Gama Pena em cooperação com a Universidade de Tsukuba, Japão; projeto incubado na INOVUERJ, Diretora Marinilza Bruno. Departamento de Inovação da UERJ, com apoio editorial do Programa de Pós Graduação de Ciências do Exercício e do Esporte, UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Coordenador Ricardo Brandão. Áreas de Conhecimento: Gestão do Esporte, Ciência e Tecnologia, Estudos Olímpicos (Agenda 2020+5).**



**MIRAGAYA, Ana. DACOSTA, Lamartine, TURINI, Marcio e GOMES, Marta – Eds : Tecnologia, Inovações e Startups no Esporte – Agenda Olímpica 2020 na Prática, Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2020, ISBN: 978-85-399-1095-3.**

**Livro com 23 autores produzido a partir de apoio do eMuseu do Esporte, Diretora Bianca Gama Pena em cooperação com a Universidade de Tsukuba, Japão; projeto incubado na INOVUERJ, Diretora Marinilza Bruno. Departamento de Inovação da UERJ, com apoio editorial do Programa de Pós Graduação de Ciências do Exercício e do Esporte, UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Coordenador Ricardo Brandão. Áreas de Conhecimento: Gestão do Esporte, Ciência e Tecnologia, Estudos Olímpicos (Agenda 2020+5).**



TECNOLOGIA,  
INOVAÇÃO E  
STARTUPS  
NO ESPORTE

*Agenda Olímpica 2020 na Prática*

TECHNOLOGY,  
INNOVATION  
AND STARTUPS  
IN SPORT

*Olympic Agenda 2020 in Practice*

• ANA MIRAGAYA, LAMARTINE DACOSTA, MARCIO TURINI & MARTA GOMES (EDS) •

**Ana Miragaya, Lamartine DaCosta, Marcio Turini e Marta Gomes planejaram e editaram este livro na perspectiva de reconhecer melhor o inédito, amplo e crescente domínio da tecnologia nos dias presentes. São 23 autores mobilizados em prática e teorias, partindo da tendência planetária visível claramente nos esportes, como se observa no uso de dispositivos eletrônicos por praticantes e atletas. Assim também ocorre com as plataformas digitais de gestão do esporte por vezes conduzidas por empreendimentos Startups, sobretudo aquelas reconhecidas pela denominação de Sports Tech. Tal transformação tecnológica foi antevista pelo Comitê Olímpico Internacional que fez suas previsões do futuro em 2014 ao lançar a Agenda Olímpica 2020. Recomendou-se então o uso de plataformas digitais como solução para uma maior conectividade entre atletas e parceiros dos eventos olímpicos. Entretanto, nós quatro, editores deste livro e, de longa data, participantes do Grupo de Pesquisas em Estudos Olímpicos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, preferimos adiantar perguntas provocativas sobre como e por que aderir à citada Agenda em lugar de simplesmente cumprir suas recomendações. Nessas circunstâncias, os capítulos que se seguem representam respostas para nossas procuras. A parte inicial reúne diversos e variados posicionamentos teóricos em linha com a segunda parte que disponibiliza uma coleção de casos práticos com foco nas Startups e plataformas Sports Tech. No seu todo, o livro abre-se à expectativa de iluminar a compreensão corrente da tecnologia como uma intervenção ambivalente. E neste sentido, esperamos identificar novos e necessários caminhos que possam recriar a inovação, a tecnologia e as Startups, respeitando os valores positivos do esporte tanto quanto das tradições éticas Olímpicas. Ensejamos, enfim, que este livro seja uma experiência exploratória do emergente esporte da era digital !**



**Hisashi Sanada Diretor do Centro de Pesquisas e Educação Olímpica Universidade de Tsukuba, Japão: Sinceros parabéns pela publicação do livro “Tecnologia, Inovação e Startups no Esporte – A Agenda Olímpica 2020 na Prática”, organizada pelo Profº. Lamartine DaCosta e pela Profª. Ana Miragaya. Os objetivos do livro são lançar uma visão panorâmica de inovação e tecnologia na vanguarda da Agenda Olímpica 2020 e promover o ambiente dos Jogos Olímpicos de Tóquio em termos dos avanços tecnológicos justamente antes da realização dos Jogos. Como muitos pesquisadores têm salientado, estamos enfrentando um momento decisivo no Movimento Olímpico. Devemos considerar como o Movimento Olímpico pode contribuir para a sociedade do ponto de vista da sustentabilidade, diversidade, bem-estar e entendimento mútuo através da tecnologia, inovação e humanidade. A recuperação após uma calamidade através do esporte é uma das visões dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Calamidade não significa somente o grande terremoto e tsunami que ocorreram no Japão em 2011, mas também a ameaça atual do Covid-19, novo coronavírus de 2020, que fragmenta as relações humanas e internacionais. Temos que enfrentar estes problemas globais e mostrar que o Movimento Olímpico é o instrumento mais útil para estreitar as relações humanas e internacionais. Estou firmemente convencido de que este livro pode nos orientar rumo à inovação necessária para o futuro.**

**SAIBA MAIS:**

[www.sportsinbrazil.com.br](http://www.sportsinbrazil.com.br)



